

Inflação resiste e altera previsões de crescimento

Analistas apostam que expansão ficará entre 1,5% e 2%, mais forte no segundo semestre

SERGIO LAMUCCI

Depois de três meses de governo Lula e dez dias após o começo da guerra entre os EUA e o Iraque, boa parte dos economistas já revisou suas previsões para o crescimento da economia em 2003, e os números não são dos mais animadores. Se na virada do ano havia quem acreditasse num expansão de 2,5% do PIB, hoje a maioria das apostas se concentra entre 1,5% a 2%. Segundo analistas, o grande obstáculo a um crescimento expressivo é a perspectiva de que os juros básicos terão de ficar elevados por mais tempo, devido à queda lenta da inflação. Uma recuperação mais forte deve ocorrer apenas no segundo semestre. O início do conflito no Oriente Médio ainda não provocou mudanças significativas nas estimativas para a trajetória do PIB.

O economista-chefe do Unibanco, Alexandre Schwarzman, revisou sua previsão de crescimento de 2% para 1,5%. Como a inflação mostra uma resistência mais forte do que a imaginada, o BC deverá manter uma política monetária apertada por mais tempo, afirma. Schwarzman não descarta a hipótese de que a taxa Selic, hoje em 26,5% ao ano, volte a subir antes de iniciar uma trajetória de queda, o que, para ele, só deve ocorrer a partir de setembro. Ele projeta um IPCA de 12,5%, acima dos 11% que ele estimava no fim de 2002 e muito acima da meta ajustada, de 8,5%. Para ele, os juros médios ficarão em 26,2% em 2003, acima dos 25,2% projetados no fim do ano.

O economista-chefe da MCM Consultores Associados, Celso Toledo, também reviu para baixo sua previsão de crescimento, de 2,4% para 1,8%, principalmente por causa da expectativa de uma política monetária apertada. A

A EVOLUÇÃO DAS PREVISÕES								
O que projetavam no fim do ano e o que projetam atualmente consultorias e bancos								
Indicadores	MB Associados		Tendências		MCM Consultores		LCA Consultores	
	Fim de 2002	Hoje	Fim de 2002	Hoje	Fim de 2002	Hoje	Fim de 2002	Hoje
PIB (%)	1,0	1,1	1,5	2,0	2,4	1,8	1,9	1,8
IPCA (%)	10,0	11,0	12,5	12,5	12,3	12,6	9,5	10,5
Câmbio (média do ano/R\$)	3,48	3,48	não disponível	3,37	3,60	3,40	3,35	3,40
Selic (média do ano/%)	22,4	23,9	22,4	25,5	22,8	26,5	22,5	24,0
Balança comercial (US\$ bilhões)	16,0	16,0	17,0	17,0	16,7	16,4	15,9	18,5
Déficit em contas correntes	US\$ 7,1 bilhões	US\$ 4,6 bilhões	US\$ 4,7 bilhões	US\$ 3,2 bilhões	US\$ 2,5 bilhões	US\$ 2,3 bilhões	0,9% do PIB	0,6% do PIB
Indicadores	Rosenberg & Associados		Ideaglobal		CS First Boston		Unibanco	
	Fim de 2002	Hoje	Fim de 2002	Hoje	Fim de 2002	Hoje	Fim de 2002	Hoje
PIB (%)	1,5	1,5	2,5	2,0	1,0	1,4	2,0	1,5
IPCA (%)	17,0	14,0	11,0	11,5	11,0	14,0	11,0	12,5
Câmbio (média do ano/R\$)	3,63	3,52	3,65*	3,50*	3,40	3,49	3,13	3,35
Selic (média do ano/%)	25,6	24,1	21,0	23,0	24,5	26,0	25,2	26,2
Balança comercial (US\$ bilhões)	18,0	17,0	18,9	15,5	14,5	15,0	18,0	18,0
Déficit em contas correntes	US\$ 3 bilhões	US\$ 3,7 bilhões	US\$ 3,2 bilhões	US\$ 3,8 bilhões	US\$ 6,5 bilhões	US\$ 6,5 bilhões	US\$ 5,5 bilhões	US\$ 3,2 bilhões

* Câmbio para o fim do ano

tendência da inflação é de queda, mas há dúvidas quanto à velocidade. Segundo Toledo, há incertezas em relação ao impacto da inércia sobre a trajetória da inflação. Mas, se não houver um choque externo muito forte, os rumos da política econômica forem mantidos e as reformas, especialmente da Previdência, caminharem no Congresso, ele acha que os juros começarão a cair no segundo semestre.

Esperanças – É no segundo semestre que os analistas depositam as esperanças de um crescimento mais forte. No primeiro, a aposta é numa expansão mais contida, como resume o economista-chefe da LCA Consultores, Luís Suzigan. Segundo ele, “o consumo básico sofre com a renda real deprimida, corroída pela alta dos preços e pelo desaquecimento da economia, o que desfavorece

as reivindicações por reposição da inflação nos salários. O consumo de bens duráveis, como automóveis, é prejudicado pelo crédito escasso e caro.”

O investimento privado, por sua vez, é inibido pelos juros altos. E, completa Suzigan, a capacidade de investimento público também é muito limitada, uma vez que o governo vem promovendo um esforço fiscal severo. Para Suzigan, “a expectativa de queda da inflação, redução dos juros e a melhora geral das expectativas podem estimular um crescimento mais dinâmico da economia” no segundo semestre. Se a guerra for rápida, ele acredita que o dólar pode cair para cer-

ca de R\$ 3,20 em maio e, se isso for acompanhado de uma redução dos preços do petróleo, tende a aliviar os custos sobre a cadeia produtiva e baixar a inflação. A expectativa da maior parte do mercado, hoje, é de um câmbio médio entre R\$ 3,40 e R\$ 3,50.

A economista Monica Baer, da MB Associados, também acredita que o segundo semestre deverá ser melhor do que o primeiro. Monica entende que há pouco ou nenhum espaço para o BC cortar juros na primeira metade do ano, e prevê que a média da massa real de renda cairá 1,5% em 2003, depois de ter recuado 3,3% em 2001 e 1,9% em 2002. Além dis-

so, se ainda não é possível ter certeza em relação ao impacto da guerra sobre economia global, há o risco de que o comércio mundial seja prejudicado, assim como o fluxo de recursos para países emergentes como o Brasil.

Guerra – A MB tem a previsão mais conservadora entre as instituições consultadas pelo Estado, estimando crescimento de 1,1%. Monica poderá revisar a projeção, talvez até para 2%. No entanto, como a demanda doméstica está fortemente contida, ela prefere esperar, lembrando que o consumo interno responde por 60% do PIB. E, afirma, os efeitos da guerra ainda são uma incógnita.

Para os analistas, o setor exportador e a agropecuária é que devem puxar o PIB neste ano, a exemplo do que ocorreu em 2002. Para José Augusto Savasini, sócio

da Rosenberg & Associados, “o que for ligado a exportação deverá ter um bom desempenho. Os setores que dependem do consumo doméstico devem sofrer, num cenário de renda em queda e inflação elevada”. A agropecuária também deve ir bem, afirma ele, principalmente a soja. Em 2002, a agropecuária cresceu 5,79%, enquanto a indústria teve uma expansão de 1,52% e os serviços, de 1,49%.

A Tendências mudou sua projeção de crescimento de 1,5% para 2%, na contramão da maior parte do mercado. Segundo o economista Juan Jensen, embora a política monetária deva ficar mais apertada do que se imaginava, o início positivo do governo Lula reduziu as incertezas em relação à economia do País, melhorando, por exemplo, as perspectivas para o câmbio e para o risco país. Com isso, acredita ele, o investimento e o consumo podem ser beneficiados. O economista-chefe do CS First Boston, Rodrigo Azevedo, aumentou sua estimativa de 1% para 1,4%, mas basicamente devido ao crescimento maior que o esperado da produção industrial em janeiro e dos sinais de aumento na safra.

Os analistas não acreditam que a guerra causará grandes estragos na trajetória de crescimento do PIB. Há quem estime um desempenho pior das exportações e do saldo comercial em função do conflito, pois a economia global tende a crescer menos. O chefe de pesquisa da consultoria Ideaglobal, Ricardo Amorim, reviu para baixo suas projeções para o superávit comercial, de US\$ 18,9 bilhões para US\$ 15,5 bilhões. Ele diz, no entanto, que isso não deve ter um grande impacto sobre a economia, porque o fluxo de comércio (exportações e importações) corresponde a apenas 22% do PIB. Mas mesmo a redução do saldo comercial prevista por Amorim está longe de ser unânime. Schwarzman acredita num saldo de US\$ 18 bilhões. Ele está otimista quanto às exportações, que só seriam muito afetadas no caso de uma guerra longa.

**TAXA SELIC
PODE ATÉ
TER NOVO
AUMENTO**